



# Rock em Catu

um legado histórico-cultural

 EDITORA  
**BORDÔ  
GRENA**

Juliana Miranda

**ROCK EM CATU**  
**UM LEGADO HISTÓRICO-CULTURAL**

### ***Comissão Editorial***

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

### ***Conselho Editorial***

Dr. André Rezende Benatti (UEMS\*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB\*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE\*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA\*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA\*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB\*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR\*)

\*Vínculo Institucional (docentes)

Juliana Miranda

ROCK EM CATU  
UM LEGADO HISTÓRICO-CULTURAL



Catu, BA

2025

© 2025 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2025 Os autores  
Copyright da Edição © 2025 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
<https://www.editorabordogrena.com>  
[bordogrena@editorabordogrena.com](mailto:bordogrena@editorabordogrena.com)  
*Projeto gráfico:* Editora Bordô-Grená

*Capa:* Keila Lima de Assis e Rita Bittencourt  
*Fotos capa e miolo:* acervos particulares  
*Editoração:* Editora Bordô-Grená  
*Revisão textual:* Fernanda Bemfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

---

**MIRANDA, Juliana**

Rock em Catu: um legado histórico-cultural / Juliana Miranda. -- Catu, BA : Bordô-Grená, 2025.

ISBN 978-65-80422-52-4

1. Catu (BA) - História 2. Cultura - Catu (BA) 3. Rock - Catu (BA) - História I. Título.

25-289925

CDD-781.66098142

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Rock: Música: Catu: Bahia: Estado: História 781.66098142

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

Este livro foi financiado por incentivo público através da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à cultura.

*Dedico este livro ao nosso amigo Regi, em memória, que com sua máquina fotográfica digital foi o pioneiro na arte dos registros, iniciando um dos maiores acervos imagéticos da cena do rock de Catu.*



## S U M Á R I O

PREFÁCIO	9
<i>Rafael Rosa da Rocha</i>	
NOTA INICIAL	15
<i>Juliana Miranda</i>	
PARTE I	23
<i>A Cena</i>	
PARTE II	35
<i>As Bandas</i>	
PARTE III	63
<i>Adios, Amigos?</i>	
PARTE IV	69
<i>Memórias</i>	







## PREFÁCIO

Rafael Rosa da Rocha<sup>1</sup>

O que acaba de chegar nas mãos dos leitores e das leitoras catuenses são riquíssimos fragmentos de memórias organizados com gentileza e cautela sobre a trajetória do *rock'n roll* na cidade. Juliana Miranda conduziu a narrativa através de relatos, entrevistas e de suas vivências enquanto personagem que, além deste livro, organizou espaços de ação, elaborou e conduziu projetos, viveu e vive com intensidade a tentativa de movimentar a cena do rock de Catu. Além do mais, esta é uma iniciativa que abre caminhos para variadas pesquisas acerca da temática.

A propósito, um parêntese, sobre a história de Catu. Até a década de 1950, Catu era predominantemente rural, mesmo com suas elites perdendo o prestígio cuja base fora um dia o domínio senhorial, assentada na escravidão. Após seu fim, em 1888, o município e sua elite experimentaram um declínio de seu prestígio e poder. A partir dos anos, 1950 com a descoberta de campos de petróleo, a economia local ganhou um novo fôlego, trazendo uma dinâmica nova para a cidade. Empresas e pessoas de diversas localidades do Brasil e do mundo circulavam pelas terras de Catu trazendo novos olhares e possibilidades, para a cidade que ficaria conhecida como terra do Ouro Negro, referência contundente ao impacto que o petróleo trouxe para a cidade.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social (UFBA), servidor no Instituto Federal Baiano, campus Catu.

Infelizmente, nunca colhemos, de fato, todos os frutos oferecidos pelo petróleo, mas esta é outra história.

Essa história é relevante porque, provavelmente, uma localidade ruralizada sentiria pouco as transformações que ocorriam no mundo naquele contexto. A nova dimensão econômica traz uma dimensão de crise também, que por conseguinte traz uma reação: o desejo de renovação; a ânsia de viver o momento, típica da juventude; a experiência da vida boêmia. Isso foi canalizado também pela ampliação da circulação dos meios de comunicação e telecomunicação, tanto por iniciativa do governo quanto da iniciativa privada. Assim, a reação da juventude circulava por todo o país através da crítica a padrões de existência que remetiam ao passado. Tudo isso em finais dos anos 1980, em um contexto no qual o país dava as primeiras braçadas nas margens da democracia – talvez nunca tenhamos mergulhado de fato no oceano democrático.

As expressões e críticas a um padrão que deveria ser superado compuseram as letras das grandes bandas de rock a partir dos anos 1980. Lembremos de Titãs, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso e Legião Urbana. Esta tinha um som marcado por composições com temas sociais e políticas, com letras introspectivas e reflexivas, com uma mistura de punk da década de 1970 e influências inglesa. Legião é uma das grandes referências musicais para muitos jovens da época. Foi assim também em Catu. Juliana apresenta com maestria a trajetória do rock no município e traz como uma das primeiras bandas da cidade a *Meninos do Brasil*, fundada em 1987, quando o grupo passou a fazer

parte ativamente de eventos locais mobilizando canções autorais de pop rock, mesclando com Música Popular Brasileira.

*Meninos do Brasil* abriu caminho para outras bandas que viriam a compor o cenário *rocker* na cidade. *Infúria* foi uma das iniciativas do contexto, tão duradoura que atua esporadicamente até hoje. Outra figura central foi Rogério Metal, que perdura ainda hoje na memória de muitos catuenses, inclusive daqueles que não integraram a cena do rock na cidade. Ele era mais popularmente conhecido como Metal e integrou a banda *Católica* e posteriormente a *Capitão Hard*. Rogério era figura icônica, com performances impactantes, demonstrava domínio de palco e interação consistente com o público. Sua marca registrada, além da voz potente, era o suspensório que lhe foi apresentado por Ailton Cristiano da *AC produções*. Aliás, a *AC Produções* realizou iniciativas importantes que contribuíram para fortalecer o cenário na cidade. Organizou eventos e realizou um intercâmbio de experiências com as cidades vizinhas que pavimentaram o caminho para as bandas locais.

Apesar da iniciativa de Ailton, aquele foi um contexto marcado por dificuldades para realizar eventos. E a movimentação aconteceu por meio de iniciativas individuais. Nesse sentido, Zulina Portela teve papel fundamental. Irmã de Rogério Metal, uma das poucas mulheres que atuavam na cena, promoveu eventos que projetavam a atuação do irmão (*Católica*, e depois *Capitão Hard*) e de outras bandas locais, movimentando ativamente o cenário. Além de Zulina, Alexandre (Hippie), com diálogo com o movimento punk em Salvador apresentou outra faceta para a cena rock de Catu. Assim, o *rock 'n roll* da cidade,

apesar de heterogêneo, foi movimentado e unificado por meio da ação individual.

Mais um parêntese aqui. Alexandre desenvolveu vários projetos na cidade. Um deles foi a *Estocolmo HC*, da qual participei como vocalista, por convite do Alexandre, por volta de 2005, ou 2006. Eu que nunca pensei em nada cantar, virei vocalista de uma banda de hardcore e foi uma experiência e tanto. A primeira formação contava com Alexandre (guitarra), figura central na banda, Júnior Negão (baixo) e Betinho (bateria). Uma segunda formação, contou com a presença de Neto Mudo (no baixo). Essa formação durou até 2009, quando por motivos diversos a banda se desfez.

Cabe ressaltar ainda que Hippy teve papel central na cena nesse período do limiar do século XXI. Ele tinha estúdio no porão de sua casa, no Catende, onde reunia diversas bandas e estilos, o que fomentou inclusive a circulação da influência do punk, do rock, do rap em outros estilos. O estúdio foi criado para acolher a banda de pagode *Sensação & Cia*, de Edicity, e depois passou a receber os ensaios de várias bandas da cidade. Lá ensaiavam muitas bandas de rock, mas ensaiava também grupos de rap (iniciativa importante nesse sentido foi o *RDC*), bandas de pagode e reggae (lembremos de Kaé). Era um local de encontro poderoso de circulação de ideias, estilos e influências.

Por volta de 2010, o cenário ganhou novo fôlego. Jovens interessados pelo rock com novas vertentes e influências começaram a acompanhar o cenário e a se mobilizar em torno dele. Novos projetos e novos personagens foram essenciais para manter a cena movimentada e

trazer um toque de sofisticação e qualidade, em sintonia com o contexto de mais disponibilidade tecnológica e recursos. Destaque para a iniciativa *Notnames*, que trouxe fôlego e inovação para a cena. Samuel (baixo), Sinho (guitarra e voz), Hiro (bateria) criaram uma banda autoral mesclando influências do rock clássico, ao alternativo, passando pelo punk. A banda lançou EPs e participou do mais tradicional festival de rock da Bahia, o *Palco do Rock*.

A renovação de cena contou também com uma significativa contribuição feminina, das quais se incluem este livro. Destaque-se a atuação breve da banda *Endométrios Rompidos*, cujas integrantes eram Erika (voz), Thamires (baixo) e Juliana (bateria); e da banda *Convés*, com a atuação de Catarine (voz e guitarra). Além disso, Ester (bateria) deu significativa contribuição na banda *Alumã*, nascida em 2018, formada também por Sinho (voz e guitarra) e Cadinho (baixo). A iniciativa de Sinho marca uma sofisticação nas produções locais, através da criação da *UnderHouse*, produzindo artistas locais e projetando a cena com mais força para outros espaços fora de Catu. Nesse sentido, a criação de espaços alternativos foi fundamental, além da *UnderHouse*, e antes dela, nasceu o *It's not Pub*, espaço para a reunir bandas e ouvintes do rock na cidade, com objetivo de fortalecer e mobilizar as pessoas em torno da música. A ocupação de espaços foi fundamental para manter a dinâmica da cultura rock ativa.

Essas são apenas uma pequena parte das narrativas que estão presentes nesta obra. Quer ouvir mais sobre as bandas, espaços e personagens? Só lendo o livro para saber o desenrolar dessas histórias.



Juliana monta um mosaico de memórias que apontam para uma história sobre as transformações do rock na cidade. A leitora e o leitor, para desfrutar desse enredo, precisa mergulhar nas páginas que se seguem.

## NOTA INICIAL

**Isto não é uma biografia** . Primeiro, pois o exercício de biografar requer precisão na temporalidade daquilo que se pretende reconstruir; segundo porque a biografia, em seu conceito tradicional, sugere uma narrativa que se debruça sobre a vida de uma só pessoa a fim de reconstruir a sua trajetória pessoal. Portanto, chamarei isto de bioficção. Não por me faltar compromisso com a verdade, mas porque compreendo que “cada presente recruta o passado que lhe interessa” e, por causa disso, é impossível recriar o passado tal qual fora um dia. Sobretudo o passado de um movimento cultural extenso, cheio de memórias, mas também, cheio de lacunas e com perspectivas variadas.

Do mesmo modo, pensar uma genealogia do rock organizada e unidimensional – esteja ele em qualquer lugar – me parece um ato hediondo, afinal, o rock não está aqui ou lá, engessado em um determinado recorte temporal, é realmente desafiador tentar entendê-lo de forma linear, ainda que as histórias costumem ter início, meio e fim. Contudo, existe algo especial na linearidade que busca organizar aquilo que, muitas vezes, não obedece às regras da organização.

É nesse sentido que tentarei conduzir uma narrativa que existe antes mesmo de eu nascer, interpelando nomes importantes que contribuíram para a construção e manutenção dessa cena. Para isso, contei com a colaboração generosa de muitas pessoas que cederam entrevistas e compartilharam suas memórias, experiências e reflexões. Outras, infelizmente, não puderam ser ouvidas em tempo hábil, e algumas ainda não foram alcançadas durante o processo de pesquisa. No



entanto, todas essas pessoas — ouvidas ou não — foram fundamentais para que essa cena acontecesse e, conseqüentemente, para que este livro pudesse existir.

As pessoas mencionadas ao longo deste livro aparecem principalmente por seus apelidos, pois entendo que há uma persona por trás de cada nome de registro. No contexto da cena do rock, são esses apelidos que carregam identidade, memória e reconhecimento — são eles que circulam nas conversas, nas lembranças e nas histórias contadas. Privilegiar o nome de registro, nesse caso, seria ignorar a força simbólica e afetiva que os apelidos carregam. Também optei por manter as citações diretas o mais próximas possível do texto oral, buscando preservar a fala e o pensamento por trás dela, com suas marcas e expressões próprias, pois é nesse modo de dizer que reside grande parte da autenticidade e da potência dessas narrativas.

Na seção 4, reuni algumas fotos em um álbum de memórias que reflete a forma como escolhi organizar este material: sem títulos, sem ordem rígida, apenas imagens que surgem e se misturam, como a própria vida. As fotografias foram cedidas por arquivos pessoais de bandas e de seus integrantes, compondo um mosaico afetivo e espontâneo. Além dessas contribuições, dois acervos merecem destaque: o trabalho de fotógrafos independentes que registraram eventos de rock e compartilharam suas imagens em páginas nas redes sociais, e o perfil no Facebook de Regi, que se tornou uma verdadeira cápsula do tempo ao preservar muitos desses registros visuais.



Por fim, reconheço que muitos nomes não foram mencionados neste livro, especialmente daqueles e daquelas que fortaleceram a cena enquanto público. Eu até me arriscaria a citar alguns, mas certamente vacilaria e deixaria de fora pessoas importantes que merecem ser lembradas. Por isso, escolho não elencar nomes, mas deixo aqui o desejo sincero de que todos e todas possam se sentir homenageados por esta recordação, que é também um gesto de gratidão coletiva a quem fez parte, de alguma forma, dessa história.

■ ■ ■

## CATU

Catu é um município no interior da Bahia localizado a aproximadamente 70 km de distância da capital, Salvador. Apesar de ser uma cidade pequena, com cerca de 45 mil habitantes, levando em consideração uma média da população entre as cinco últimas décadas, durante as décadas de 1990 e 2000 havia constantes tensões entre bairros, tais conflitos representavam um obstáculo que dificultava a integração de pessoas que residiam em bairros diferentes. Angelo, vocalista da **Últimos de Nós**, recorda que:

“como eu morava na Aruanha e também no BR, para passar pelo Pioneiro, eu tinha um horário. Se eu passasse no Pioneiro umas 17h da tarde, eu tinha que passar correndo, porque a turma do Pioneiro não falava com a turma do Aruanha, que não falavam com a turma da Ramela... Então, andar em alguns bairros aqui era complicado, sempre tinham brigas.”

Sinho, vocalista da **Alumã**, ratifica a fala de Angelo, ao destacar a dificuldade em transitar pelos bairros da cidade, não apenas por uma questão de urbanismo, mas, sobretudo, por questões socioculturais:

“[...] tinha essa coisa, essa rivalidade mesmo, de a gente que era de cá de cima [BR] para quem era de lá da Aruanha. A gente via a galera da Aruanha como playboy, e a galera via a gente como uma plebe mesmo.

[...]

você não sabe o que tem depois do muro ali. Você não sabe, pô. Você tá aqui porque você é guri. Sua mãe não deixa você sair de bairro para bairro. Então, no seu bairro você tem sua galera. Aí na sua galera todo mundo se reúne



para escutar o som, fazer a parada (tocar juntos, montar banda, organizar sons...); aí na Aruanha também tinha essa galera, na Rua Nova também tinha...”

Embora tais rivalidades marcassem a rotina da cidade, o movimento do rock conseguiu criar pontes onde antes só havia muros. A superação dos conflitos entre bairros, ao menos entre a galera do rock, possibilitou um salto na cena da cidade. Aqueles que antes vivenciavam a experiência de curtir o som em núcleos isolados, restritos às próprias turmas, passaram a cruzar as fronteiras urbanas, conectando-se com as pessoas dos outros cantos da cidade. Essa integração alimentou os vínculos e possibilitou a heterogeneidade musical dentro do movimento.

É nesse contexto, que a cena do rock na cidade de Catu revelou uma diversidade estética e sonora, marcada pela presença de estilos distintos como o punk, o hardcore, o grunge, o metal, o emocore, o psicodélico e outros mais. Essa pluralidade, embora junte as pessoas de acordo com suas referências musicais, não fragmenta a relação desses indivíduos, ao contrário, é justamente na convivência respeitosa entre essas diferenças que se fortalece o sentido de coletividade que conceitua uma cena.

Nesse sentido, Sinho relata o choque ao encontrar pela primeira vez todos os grupos da cidade reunidos em um mesmo evento:

“Quando eu fui pro meu primeiro evento, tomei um susto, pô. É sobre isso, esse choque cultural. Meu pai, por estar bem envolvido com a prefeitura e tal, falou: ‘Aí, vou fazer vigilância em uma festa de rock. Como você gosta de rock, eu posso te levar. Leva seu irmão mais velho com



ocê.’ Falei: ‘Oxe, eu vou’. Quando eu cheguei lá, foi esse choque aí. Aí estava lá o grupo da Aruanha, do Pioneiro...”

A coletividade entre as bandas de rock em Catu se manifestava de forma concreta e cotidiana, indo muito além da organização dos eventos em que se apresentavam. Nos bastidores, essa rede colaborativa se fortalecia nos ensaios compartilhados, no empréstimo generoso de instrumentos e equipamentos, e até na rotatividade dos integrantes, que transitavam entre grupos conforme as necessidades e afinidades. Essa dinâmica criava um ambiente de apoio mútuo, como recorda Blau, vocalista da **Oposição Psicodélica** :

“nessa época tinha banda de hardcore, tinha a **La Gioventú**, tinha a banda de Rogério Metal, a **Infúria**. A gente pegou o início da **Infúria**, eu principalmente, peguei o início da **Infúria** ali, a transformação da **Infúria** também, a modificação dos integrantes. E fui acompanhando. Geralmente, a gente tinha uma comunicação muito boa. Eu já toquei com o pessoal da **La Gioventú** em alguns lugares. A gente já foi lá fazer ensaio lá em cima. A gente já fez ensaio também com os instrumentos da **Infúria**. A **Infúria** já pegou o instrumento da gente também, então, a gente tinha essa comunicação fácil, agradável entre todos nós. E cada um na sua área, no seu grupo, no seu patamar.”

É importante destacar, no que se refere à colaboração entre as bandas, que a cidade de Catu sempre teve deficiência de baixista e baterista, por isso, era bastante comum que uma mesma pessoa estivesse envolvida em dois ou mais projetos distintos ao mesmo tempo. Nesse

cenário, três nomes aparecem com certa frequência no que tange esse assunto: Kitito e Betinho, na bateria, e Regi, no baixo.

Um dos pilares fundamentais para o fortalecimento da cena rock em Catu foi o intercâmbio constante com outras cidades, especialmente Pojuca e Alagoinhas, que se tornaram grandes aliadas nesse movimento cultural. A troca de experiências, bandas e eventos entre esses municípios possibilitou uma rede colaborativa, ampliando o alcance das produções locais e fomentando novas conexões. Bandas de Catu frequentemente se apresentavam em eventos e espaços alternativos dessas cidades, e o contrário também acontecia, promovendo uma circulação rica de ideias, estilos e públicos. Esse diálogo regional não apenas impulsionou a visibilidade dos artistas, mas também consolidou uma identidade coletiva do rock interiorano baiano, marcada pela união e resistência.

Nesse aspecto, Hippie, guitarrista **Estocolmo HC**, relembra:

“a gente começou a trocar ideia com essa galera, começou a ter proximidade, promovendo eventos aqui na cidade, chamando a galera de Alagoinhas para vir tocar aqui. E, consequentemente, a gente passa a ir para a cidade de Alagoinhas também. A gente fechava a Topique para ir aos eventos lá, a galera também fechava a Topique para vir para o evento aqui. E esse intercâmbio começou a girar muito forte entre Alagoinhas e Catu. Então, era um cenário difícil, porém a gente estava começando a se organizar, a gente estava começando a ter contato com outros movimentos de outras cidades.”



Desse modo, a cena do rock em Catu se ergue como testemunho vivo da força da coletividade diante das adversidades. Mesmo em meio a conflitos territoriais, limitações estruturais e desafios sociais, os agentes desse movimento encontraram na união um caminho para resistir. A diversidade de estilos, o intercâmbio com cidades vizinhas e a solidariedade entre bandas revelam uma cultura pulsante, que se alimenta da colaboração e da paixão compartilhada. Catu se mostra, dessa forma, como um solo fértil para os movimentos culturais, onde a arte não apenas sobrevive, mas transforma e une.





Entre os anos de 1980 e 1990, os espaços para apresentações em Catu eram restritos e limitados. As poucas bandas que fomentaram o cenário encontravam dificuldade explícitas para se apresentarem. Ainda assim, com escassos eventos, o público, formado majoritariamente por amigos e curiosos, mostrava-se presente e ativo.

Nesse período, as próprias bandas se organizavam a fim de fazer as festas acontecerem, as bandas **Infúria**, **Escribas** e **Suicidas** eram algumas delas. Além disso, dois nomes se destacavam como sendo os pioneiros nas produções de eventos de rock na cidade: Ailton Cristiano e Zulina Portela.

Zulina, que se destaca por ser uma das primeiras, e poucas, mulheres a se integrar à cena, é frequentemente mencionada quando se trata de produção de eventos, sua atuação era, principalmente, no Mercado da Farinha, onde reunia as bandas mais atuantes no cenário. A maioria das bandas ativas no contexto dos anos 1990 teve a oportunidade de se apresentar em seus eventos, fazendo com que seu nome seja sempre recordado.

Do mesmo modo, não é possível pensar na história do rock de Catu sem mencionar um nome icônico desse cenário, Ailton Cristiano, conhecido simplesmente como Ailton. A sua primeira produção de evento aconteceu no ano de 2001, o qual foi realizado no Mercado da Farinha (ou Casa da Farinha, para alguns), e contou com a presença de 10 bandas, marcando assim o início da sua trajetória enquanto produtor de eventos. Ailton conta que, após essa produção, passou a frequentar outras cidades sempre observando como o cenário do rock acontecia.

Esse intercâmbio cultural possibilitou que ele fundasse a sua própria produtora:

“Daí eu passei a fazer um rock em Camaçari através de um pessoal que eu conhecia. E de lá para cá, eu aprendi o rock and roll com algumas pessoas que faziam. Aí que eu tive a ideia de criar minha própria empresa chamada **AC Produções Show e Eventos Culturais** .”

Por muito tempo, a AC Produções foi a única produtora de eventos de rock em Catu, abrindo espaços tanto para bandas locais como para as de cidades vizinhas, sempre valorizando a diversidade dentro do gênero. Nessa época, sem a acessibilidade atual das mídias e tecnologias, Ailton inovou ao criar os cartazes dos eventos com as próprias mãos. Bem ao estilo “faça você mesmo”, nesse contexto, ele utilizava cartolinas e canetas para divulgar nas ruas da cidade as atrações dos seus eventos.

Ailton relembra que foi nesse período que a AC Produções realizou alguns dos eventos que entraram para a história do rock da cidade, um som no Stiep, que trouxe bandas de grande relevância da região, e um no Clube ACEC, que revelou bandas locais como a **Infúria** e a **Católica**:

“Esse rock que a gente fez ficou na história, foi o rock no Stiep, que tocou a banda Caravanas, Desinfetados Cover. Também houve um evento que nós fizemos no Clube ACEC com bandas como a de Regi e a **Infúria**, que foi revelada através de mim. Bem como a **Católica** que tocou também com o Rogério Metal.”

Ailton também relata as dificuldades em organizar os eventos de rock no município. Embora com vendas de bilheteria, os custos dos eventos eram custeados pelo próprio organizador, uma vez que os patrocinadores nem sempre mantinham os recursos oferecidos:

“Eu servi lanches, tudo com o meu bolso; água, mineral, tudo do meu bolso, porque os patrocinadores me prometiam e não cumpriam... aí chegava na hora, as bandas tinham que ter água, e eu tinha que tirar do meu bolso e pagar. Naquela época, as bandas todas, todas as 10, tocaram de graça para mim, não me cobraram um centavo. Nunca esqueço a bondade que eles fizeram.”

A atitude das bandas ao tocarem sem cachê mostrou a relevância que Ailton e sua produtora tinham para o cenário local. A partir dessas interações, o núcleo de amizades do produtor aumentava cada vez mais, fazendo com que outros eventos acontecessem, e que bandas de diversos lugares manifestassem interesse em se apresentar na cidade. Ele diz que outros apoios também começaram a acontecer, como, por exemplo, os da rádio da cidade e da rádio Ouro Negro, a qual contribuía gratuitamente com a divulgação dos eventos da AC Produções, e apoio de amigos:

“Eu não conhecia o músico, nem a banda, não conhecia ninguém, aí alguém me ligava: ‘AC, tem como fulano tocar aí, a banda é boa. Eu sempre dizia: ‘pode trazer que a gente bota’. Dei várias oportunidades para algumas bandas. Eu fiz muita amizade, também fiz muita inimizade, que até hoje eu tenho. Mas também tenho muito que agradecer. Agradecer ao nosso amigo Cristiano Pio, a Miguel, Tirson, Hudson...”

Vale ressaltar, que o público também apoiava massivamente os eventos realizados pela AC produções. Levando em consideração que o município de Catu é pequeno e, em se tratando do gênero musical em questão, rock, o público era ainda mais limitado, Ailton afirma que, mesmo assim, conseguia reunir em seus eventos mais de 200 pessoas. Essa última estimativa contou com a presença de pessoas não só do município, mas também de regiões próximas, como Alagoinhas, Dias D'Ávila e Salvador. Ele relembra o quanto a participação do público foi fundamental para o sucesso dos seus eventos:

“Mas, a galera rock também contribuiu. Me ajudou, a gente não pode esquecer, né? O público abraçou as festas que eu fazia. Mas algumas pessoas também chegavam lá na festa de rock e na hora do ingresso não tinham o dinheiro para pagar. Eles chegavam assim para mim: ‘AC, eu não tenho o dinheiro do rock. Eu quero comprar o ingresso, mas eu não tenho’. Aí chegavam os caras de algumas bandas assim: ‘Não, velho, não deixa entrar, não, só com o ingresso. Mande pagar o ingresso’. Aí nesse dia eu olhei assim, tinha 10 pessoas sem poder comprar ingresso, eu fiz assim: ‘Podem entrar’. Aí entraram. Botei 10. Esses 10 quando me veem: ‘Porra, velho, nunca esqueci da bondade, você deixou a gente entrar, a gente estava sem um centavo’. Nesse dia, eu paguei até cerveja para eles. Não querendo ser porreta, nem melhor... são camaradas que foram prestigiar o show...”

Nos idos da década de 2010, Ailton encerrou suas atividades de produção cultural na cidade de Catu, realizando apenas um último evento em 2018 na cidade de Pojuca. O produtor conta que o último

evento em Catu aconteceu no Stiep, na ocasião, o lugar foi vandalizado por alguns participantes, o que gerou, além de muitos burburinhos local sobre a “má conduta dos roqueiros”, a sua indignação:

“[...] depois daí [do evento em Pojuca] eu não quis mais fazer, porque eu já tinha me aborrecido lá atrás [som do Stiep] com o pessoal e eu disse: ‘Não faço mais’. Ainda me disseram: ‘Não, rapaz, vamos fazer. A gente se organiza...’ eu digo: ‘Não. Não vou fazer mais não. Enquanto a galera não entender que o estilo é para a gente curtir o som...’”

Ao todo, Ailton estima que realizou em torno de 18 eventos, somando aqueles organizados na cidade de Catu e em localidades vizinhas. O legado da AC Produções é inegável, uma vez que muitos roqueiros catuenses se conheceram e construíram laços de amizade nesse contexto, algo que foi fundamental para o fortalecimento da cena. Embora longe das produções culturais por muitos anos, Ailton demonstra interesse em, um dia, voltar a organizar eventos.

Entre lugares como o Mercado da farinha, o Stiep, o salão da sede da Maçonaria e o Clube ACEC, nenhum é tão a cara do rock quanto a ideia da retomada das ruas como espaço cultural. A democratização do acesso e a visibilidade são apenas alguns dos elementos que certificam a importância de fazer da área pública um reduto para as mais diversas manifestações culturais, foi dentro desse preceito que Catu presenciou o acontecimento de um dos eventos comunitários mais marcantes da cena do rock: O Rock in Betinho. O evento periódico acontecia nas tardes de domingo no Bar de Bateria,

localizado no centro da cidade. Idealizado com o objetivo de reunir bandas de diversos gêneros do rock em um evento gratuito. Muitas pessoas estiveram envolvidas na realização desse acontecimento: Betinho, que, além de ser reconhecidamente um dos melhores bateristas da cidade, dá nome ao evento, Regi, Hippie, Sinho, Samuel, além de outros músicos e entusiastas que contribuíam para a montagem da estrutura: instrumentos e caixas de som. Com o passar das edições, teve tantas que é impossível enumerar, outras pessoas começaram a também se envolver na iniciativa dos eventos: bastava a ideia na cabeça, que o espaço estava à disposição.

A relevância do evento era tamanha que pessoas de diversas cidades próximas, como Alagoinhas, Pojuca, Dias D'Ávila, Simões Filho e Salvador apareciam para prestigiar as bandas ou trazerem as suas para se apresentarem, estas marcavam presença mesmo não havendo remuneração envolvida. Além do Bar de Bateria, o Rock in Betinho chegou a se estender a outros espaços da cidade, como o coreto da cidade, que foi palco de algumas edições, além disso, outras aconteceram em Baixio<sup>2</sup>. Indubitavelmente, o Rock in Betinho foi promotor de muitos encontros e responsável por nutrir laços de amizades, juntando o público de diversas gerações em um mesmo lugar.

Em 2015, o Rock in Betinho aos poucos foi deixando de acontecer, assim como também as produções de eventos do gênero

---

<sup>2</sup> Embora o “Rock In Baixio” não fosse necessariamente uma continuação do Rock in Betinho, coloco-o como uma extensão dele, pois seguia uma proposta similar e costumava ter como público as mesmas pessoas que frequentavam o Bar de Bateria ativamente como público ou como banda. Havia um ônibus que levava essas pessoas até Baixio, geralmente, quem organizava a viagem era Regi. O som acontecia na praia, com a estrutura de bares que cediam o espaço, além disso, as pessoas pernoitavam na praia em campings improvisados.

também foram diminuindo, deixando a cena do rock catuense cada vez mais esvaziada. É nesse contexto que surgiu a NN Produções. Vendo essa cena se estreitar, alguns amigos se juntaram com o objetivo de dar um suspiro àquilo que parecia estar esmorecendo, foram eles: Juliana, Thamires, Leila, Angelo, Sinho, Samuel, Hiro, Nanau, Man e Regi. Thamires, uma das principais idealizadoras do projeto, associa à produtora ao desejo de sensibilizar novas gerações a fim de não deixar um cenário tão produtivo se esvaír, mas também às dificuldades de ser mulher e se inserir em um contexto tão masculino:

“Desde quando eu descobri em mim o que era o rock, de como tocava o meu espírito, meu corpo e inconsciente, eu senti a necessidade de fazer algo para fortalecer a cena e não deixar morrer. Eu queria que os jovens, aliás, não só os jovens, pudessem ser mexidos e tocados da mesma forma. Havia nossa dificuldade como mulher, em ser entendida, ouvida. Porque estávamos em um grupo onde todos já tinham suas vivências e histórias, bandas, e colocar nossos posicionamentos era um pouco difícil, mas nunca nos intimidou. A força do coletivo foi intensa, conseguimos manter a cena viva, e um grupo de amigos se formou. E o que esperamos desse nosso legado é que tenhamos coragem para não desistir e estarmos na memória de todos que tiveram nos nossos eventos, e esperança nas pessoas que ouvirem falar de nós. Vamos continuar sendo a NN Produções até enquanto existirmos.”

A principal atuação da NN se deu ao longo do ano de 2015, através do evento Cultural Musical, o qual objetivava fazer de Catu um ponto de parada cultural para as bandas de grande relevância nacional.

O Cultural Musical teve 3 edições, as quais ocorreram entre fevereiro e outubro desse ano, no clube ACEC e na sede da Maçonaria, alternadamente. O evento contou com a participação de bandas como **Notnames**, **Doutor Haníbal**, de Catu; Inventura e Aborígenes, de Alagoinhas; Semivelhos, de Juazeiro; e Circo Litoral, Vivendo do Ócio e Cascadura, de Salvador.

As dificuldades, sobretudo financeiras e estruturais, foram essencialmente o que fizeram a NN Produções se desfazer. Apesar da boa recepção por parte do público, levar eventos com bandas já reconhecidas para uma cidade pequena era um desafio que não se superava apenas com trabalho e boa vontade. Principalmente, em um momento quando os espaços possíveis para a realização de eventos passaram a se tornar indisponíveis. Diante disso, não havia dúvidas, era mais do que necessário que a cena rock da cidade tivesse um lugar fixo para chamar de seu. E foi nesse contexto que Samuel, Sinho e Elian se juntaram em um empreendimento local: o It's Not Pub, fundado em 2016, com o objetivo de ser uma casa de shows que fosse um ponto cultural para a cena do rock baiano.

De acordo com Samuel, as dificuldades técnicas e estruturais em torno da realização do Rock In Betinho e, até mesmo, dos eventos promovidos pela NN Produções foram propulsoras para a criação do espaço:

“eu sempre tive uma ideia de criar um lugar fixo para a gente fazer evento. Porque a gente tinha o Bar de Bateria, que a gente fazia, teve depois a NN Produções e tudo mais, mas sempre era um perrengue para a gente fazer.



Como a gente estava com uma certa regularidade nos eventos em Bateria, a gente fazia pelo menos de 15 em 15 dias, sempre tinha que pegar material, levar material para lá, armar todo do zero, para rolar um som no final de semana e depois desarmar tudo... e aí isso era muito cansativo, Aí a gente falou: "Pô, velho, se a gente tivesse um lugar já todo pronto, um lugar já fixo ia ser legal". Aí a gente começou a amadurecer a ideia."

Manter a cena ativa era o principal propósito da casa de shows, fomentar um cenário que pudesse reunir os já adeptos ao rock, mas que também alcançasse um novo público e o instigasse a manter a roda girando. Embora o lugar tenha dado espaço para que diversas bandas pudessem se apresentar, outros eventos culturais também eram bem-vindos. Ao longo dos 2 anos de funcionamento, o Pub abriu as portas para workshops, torneios e uma edição da Oficina Palco do Rock. Samuel relembra que foram dois anos de trabalho constante:

"foram dois anos que a gente ficou funcionando e nesse tempo a gente não parou um final de semana, sempre teve atração, sempre teve coisa... todo o final de semana a gente estava em atividade. Ou seja, cumpriu bastante o seu papel, realmente fez o que a gente imaginou que iria fazer. E foi uma época muito cansativa, né? Todo final de semana, porém, eu tenho muita gratidão dessa época aí, velho. Muita saudade também."

O encerramento do Pub foi resultado de uma combinação de fatores, principalmente, financeiros e logísticos. Pois, embora o projeto não tivesse fins lucrativos, era necessário arcar com custos fixos como aluguel, bebidas, energia e manutenção, o que se tornou inviável, já que



os três sócios mantinham atividades remuneradas paralelamente. Apesar do apoio de amigos e da dedicação contínua ao longo dos 2 anos, o desgaste acumulado comprometeu a gestão. Hoje, o hiato do It's Not Pub ainda é escutado devido à ausência que ele deixou, contudo, Sinho seguiu o seu projeto de agitação cultural montando a sua própria gravadora, denominada Under House Records. Com esse selo, ele produz artistas locais e contribui para a difusão cultural da cidade de Catu para além do rock, abrangendo artistas de diversos gêneros e expressões artísticas.





Embora não seja possível determinar com precisão o ponto de partida da história do rock em Catu, é consenso entre os envolvidos na cena local que os primeiros registros significativos remontam ao final da década de 1980. Nesse período, a formação da banda **Meninos do Brasil** marcou um momento inaugural e simbólico, representando uma das primeiras iniciativas organizadas de produção musical voltada ao gênero na cidade. A partir desse marco, o rock começou a ganhar espaço como expressão cultural alternativa, abrindo caminho para outras formações e movimentos que viriam a consolidar o cenário do rock catuense nas décadas seguintes.

Em 1987, formou-se, nos espaços do colégio Cenecista Senhora Santana, a banda **Meninos do Brasil**, considerada uma das pioneiras bandas de rock de Catu. A banda era formada, inicialmente, por David Filho, baixista e vocalista, Keu Guerra, guitarrista e vocalista, Kal Rabelo, baterista e, mais tarde, Samuel Chaves, baixista, e Léo Santana, vocalista.

Keu Guerra relata que tudo começou quando foi convidado para participar de uma gincana de bairro – Gincana na Rua Nova –, pois ele era conhecido por imitar o cantor Renato Russo. Keu viu nesse convite uma oportunidade de juntar seus colegas e fazer uma primeira apresentação: “Parecia que já tocávamos juntos há anos juntos”, ele diz. A partir daí, a **Meninos do Brasil** passou a fazer parte da agenda de eventos locais, tocando em gincanas e festivais estudantis. Keu recorda que nesse período os locais para as apresentações eram escassos, ainda

assim, a banda rompeu as fronteiras da cidade ao tocar em municípios circunvizinhos como Pojuca, São Sebastião do Passé e Salvador.

A **Meninos do Brasil** era uma banda autoral de pop rock, mas também mesclava ao seu som um pouco de MPB. Embora seu maior alcance fosse amigos e estudantes, esse estilo atraía um público amplo, fazendo com que ela fosse a primeira a se apresentar em trio elétrico em um evento na cidade de Catu. Suas composições abordavam questões da natureza humana tais quais o amor, as certezas e incertezas da vida e as reflexões acerca da existência. Com uma qualidade sonora complexa e inquestionável, a banda alcançou 6 anos de estrada, encerrando as suas atividades após o afastamento de seus integrantes.

Sobre a cena de Catu ao longo desses anos, Keu Guerra afirma que após o encerramento da **Meninos do Brasil** as bandas começaram a surgir com mais intensidade, dando continuidade ao que eles começaram :

“Só quando a **Meninos do Brasil** acabou, lá para final da década de 90, que a banda de Metal (Rogério Metal) chegou na cena. As bandas que rolavam aqui era Delinquente Juvenil, de Jeremias Santana, e **Infúria**, que surgiu mais tarde. Existiam também bandas de outras cidades que tocavam muito aqui, principalmente de Alagoinhas, como a Asilo Militar e a Organoclorados. Depois que a gente parou, formou-se uma cena melhor em Catu, com as bandas do pessoal mais jovem predominando. Hoje em dia a cena está meio parada, com algumas exceções, os eventos em nossa cidade não dão espaço para a música alternativa e diminui a possibilidade de surgimento e manutenção dos Grupos.

Porém há algumas células de resistência como **Alumã** e **Último de Nós**, que fazem a diferença e mantêm a cena (chama) acesa.”

Após a passagem da banda **Meninos do Brasil**, a cena do rock em Catu ganhou força e diversidade ao longo da década de 1990. Esse período foi caracterizado por uma efervescência musical notável, com o surgimento de um verdadeiro arsenal de bandas locais, cada uma trazendo propostas estéticas distintas e contribuições singulares. A heterogeneidade dos grupos refletia não apenas diferentes influências sonoras, mas também uma multiplicidade de visões artísticas, consolidando o cenário como um espaço fértil para a experimentação, a identidade cultural e o fortalecimento da música alternativa na cidade.

É nesse contexto que surge a banda **Católica**, composta por Fábio, na bateria, Jânio, no contrabaixo, Taílson, na guitarra, Rogério, no vocal e Ailton, agora, além de agitador cultural, produtor. A banda, que durou cerca de 5 anos, apresentou à cidade aquele que viria a ser o maior ícone do rock catuense, Rogério Metal. A **Católica**, que tinha esse nome porque seus integrantes eram católicos, tinha um repertório voltado para o pop rock, executando, sobretudo, músicas da banda Legião Urbana. Além disso, ela fez uma gravação em CD que continha algumas canções autorais, sendo a mais conhecida a música “Suzy”, cantada até os dias de hoje como forma de homenagem póstuma a seu compositor, Rogério Metal, falecido no ano de 2017. Segundo Ailton,

---

<sup>3</sup> Embora gravada com a banda **Católica**, essa música já fazia parte do repertório da banda **Cabecita** (2002), da qual Rogério era vocalista e compositor.

a **Católica** sempre foi uma banda bem entrosada e que as apresentações sempre eram naturais, em suas palavras:

“foi uma formação que eu nunca vi igual, uma formação de uma banda ensaiada, não tinha dificuldades. Era uma música atrás da outra.”

Sobre Rogério Metal, Ailton comenta que suas performances eram sempre demasiadamente artísticas. Segundo ele, Rogério não se preocupava apenas com a execução das músicas, mas tinha também uma preocupação estética:

“[...] toda vez que a gente era convidado para algum evento, Rogério ia à minha casa ‘o que é que a gente vai fazer? Como vou me apresentar?’. Nesse dia, eu dei até um suspensório pra ele. Foi uma vez lá em Camaçari, ele tocando imitou Ney Matogrosso... Era mesmo um artista.”

Após o fim da banda **Católica**, Rogério se juntou com Miguel, Cristiano Pio, Kitito e Tirson e formaram a **Capitão Hard**, uma banda, tal qual a anterior, com forte influência do pop rock nacional. Metal, como era mais conhecido, continuava a ser o vocalista performático que atraía a atenção de todos por onde tocava, até mesmo daqueles menos adeptos ao rock. Angelo, atual vocalista da banda **Últimos de Nós**, relembra uma impactante apresentação que presenciou da **Capitão Hard** durante um evento de Moto Passeio, , realizado por Tatuí no palco da Aruanha, da cidade de Catu:

“Naquele dia eu vi Metal como um cantor. Metal chegou no palco, assim, bem doidão. Subiu no palco, Miguel com



bermuda do exército, cabelo solto... na bateria, eu acho que nesse evento foi de Kitito, no baixo, acho que foi Tisso... eu parei e fiquei assim: ‘caralho!’, não piscava o olho. Foi lindo de se ver, um domínio de palco maravilhoso, uma voz impecável, velho. Ele tocou The Smith, U2; de U2, uma deles; depois Titãs, Cabeça dinossauro, depois... eu lembro de Camisa de Vênus... eu lembro que ele tocou Rosa de Hiroshima. Cara, a Aruanha estava uma loucura. Surgiu um grupo de velhinhas, donzelas apaixonadas... essas velhinhas ficaram na beirada do palco, chamando Rogério de gostoso, velho, tinha mais de 100 pessoas na frente do palco. Para mais de 100 pessoas... Ele tirou a camisa, as mulheres puxando a perna dele... foi algo fora do comum. A família dele toda na frente do palco, a mãe dele lá. Foi a banda que mais puxou o público.”

Enquanto a **Capitão Hard** seguia conquistando o público com seu estilo pop rock, outro projeto musical irrompia na cena com uma proposta radicalmente diferente, trazendo o peso e a urgência do hardcore. Essa dualidade musical não apenas ampliava os horizontes sonoros da cidade, mas também sinalizava uma abertura para novas linguagens e expressões artísticas. Com isso, o cenário local se tornava cada vez mais plural, revelando que havia espaço tanto para a universalidade mais clássica do pop rock quanto para a intensidade crua e contestadora que o hardcore representava.

A banda que viria a se chamar **Infúria** teve início no segundo semestre de 1992, no centro da cidade, tendo como integrantes fundadores Tuca, na guitarra, Regi, no baixo, Jorge Max, na bateria, e

Dida, no vocal. A formação se deu de maneira natural entre amigos que compartilhavam o gosto pelo rock, principalmente, naquela região da cidade. Segundo Sérgio, vocalista da banda, o fato deles serem amigos, andarem sempre juntos e tocarem instrumentos musicais criou espontaneamente o desejo de formar uma banda, de acordo com Sérgio:

“O surgimento foi inevitável, naquele período havia um grupo até considerável de pessoas que curtiam rock em Catu, principalmente na parte baixa da cidade. Como andávamos sempre juntos, praticamente o dia todo, e alguns deles tinham instrumentos, foi natural o desejo e a criação de uma banda.”

O primeiro ensaio da banda ocorreu na sede do PC do B de Catu, com um repertório composto basicamente por covers. Inicialmente, a banda adotou os nomes Cronos e, depois, Infâmia, para Sérgio havia uma estranheza no que se refere à personalidade musical da banda, uma vez que misturava cover de bandas de metal, punk e grunge.

Em setembro de 1993, aconteceu o primeiro show da banda, em um festival realizado no antigo Mercado de Farinha, com participação de diversas bandas de cidades vizinhas. Pouco depois do primeiro show, Dida deixou a banda, que ficou sem vocalista por meses. Em outubro do mesmo ano, o grupo se apresentou na 1ª Semana da Cultura de Catu com Regi acumulando as funções de baixista e vocal. Logo após esse show, Jorge também saiu da banda ficando apenas Regi e Tuca.

Em fevereiro de 1994, houve uma renovação na formação, com a entrada de Sérgio, vocal, Marcelo, guitarra, e Betinho, bateria.

Betinho, por motivos profissionais, precisou se ausentar e foi temporariamente substituído por Beto. Com essa formação, a banda se apresentou no antigo clube da Petrobrás ARC Dinor, em 11 de agosto de 94, bem como participou da II Semana da Cultura de Catu. Em 1995, Lenisson entrou como guitarrista substituindo Marcelo, que saiu pouco tempo depois. Nesse intervalo de tempo, Betinho retorna, e a banda se firma novamente.

Durante esse período, a banda começou a compor músicas próprias, ainda misturando influências de bandas como Raimundos. A estética sonora variava entre trash, death e hardcore. A partir de 1997, o grupo se definia como uma banda de hardcore, adotando oficialmente o nome **Infúria**, após passagens por nomes como Crucify e Fúria Hardcore. O período de 1997 a 1999 foi considerado o mais produtivo e consistente da banda, contando, inclusive, com a gravação da primeira e única demo da banda: *Brasil, isto é real!* Sobre as composições que compuseram o projeto, Sérgio afirma que eram escritas, sobretudo, por ele e por Tuca, e fortemente inspiradas no hardcore nova-iorquino, especialmente, nas bandas Biohazard e Madball, com letras consideradas politizadas e agressivas:

“Os temas eram os mais variados, mas sempre com uma temática politizada e social. Já em 98 fizemos música sobre o MST, violência policial, antirracismo. Algumas letras me arrependo de ter escrito, uma época de dificuldade de informações e muitos equívocos. Aquela coisa de tentar falar a coisa correta, mas falar da forma errada.”

Entre 1999 e 2000, Igor e Dalapa (Christian) entraram na banda, consolidando a formação com dois guitarristas e dois vocalistas. Em 2005, Betinho deixou o grupo dias antes da gravação do primeiro CD “*Da Merda à Merda*”, gravado num estúdio caseiro. Kitito assumiu a bateria e, em 2006, a banda gravou o que considera seu melhor trabalho: *1 Minuto de Silêncio*. Esse álbum apresentou, de acordo com Sérgio, um trabalho mais maduro, tendo algumas músicas ficado bastante conhecidas do público, o qual vociferava os refrões durante os shows. Nesse mesmo ano, em setembro, apresentaram-se pela primeira vez em Salvador, no espaço Insurgentes — local essencialmente punk — sendo essa uma realização pessoal da banda.

Em 2007, Sérgio e Igor deixaram a banda. Com Regi, Tuca, Dalapa e Kitito, a **Infúria** manteve atividades esporádicas até 2015. Em 2018, a cena do rock de Catu sofreu uma grande perda com falecimento de Regi, o que implicou diretamente nos rumos da banda. Contudo, Sérgio afirma que não houve um fim formalizado:

“Como tudo tem um fim, tivemos o nosso, não teve um motivo contundente pra acabar, as circunstâncias da vida ajudaram muito. Em 2006, minha filha nasceu, eu me vi sem tempo pra banda e estava em outra vibe no sentido de discordância ideológica com os outros membros. Coincidiu que fui embora de Catu e saí sem avisar; Igor foi embora pra Aracaju e saiu sem avisar também [risos]. Os 4 restantes esporadicamente tocavam e ensaiavam, até irem se afastando.”

Ainda na efervescência dos anos 1990, mais especificamente em 1996, Abimael Ribeiro decidiu fazer uma convocatória aos fãs da banda

Legião Urbana através de um anúncio em uma rádio da comunidade local. O objetivo não era formar um fã clube, mas sim um grupo de conversas com esse interesse em comum. Receberam o chamado e apareceram ao encontro Mariclecio, Elian Chaves, Erison Fernandes que, juntamente a Abimael, compuseram a primeira formação da **La Gioventú**, banda cujo nome referencia a música La nueva giuventú, do álbum Descobrimento do Brasil (1993), da Legião Urbana.

Mais tarde, outros integrantes se juntaram à banda, sendo eles, Leison, que assumiu os vocais, Márcio Guimarães (Cazuza), a bateria e, mais tarde, Ednaldo (Nanau), nos teclados, Emanuel, na guitarra, e Gean e Max, que passaram pela banda como bateristas. Sobre o cenário naquele contexto, Nanau afirma que era desanimador:

“Não havia para nós um cenário muito animador. Na cidade, as músicas de cada esquina eram totalmente diferentes do que gostávamos de escutar. Com o tempo, fomos conhecendo mais pessoas com quem nos identificávamos. Miguel Ângelo era um guitarrista experiente, que nos ajudou a conhecer mais pessoas envolvidas com rock na época.”

Ainda com as dificuldades, a **La Gioventú** encontrou algumas oportunidades para se apresentarem, como o Festival de Inverno de Alagoinhas, um evento na cidade de Cristionópolis-SE e, também, eventos na cidade de Catu. Nanau ressalta que a contribuição da iniciativa privada era fundamental para que os eventos acontecessem, uma vez que não havia eventos organizados pelos setores públicos. Ele ainda destaca eventos na Casa da Cultura que conseguiam reunir as

poucas bandas de rock que havia na cidade. Quanto ao público, assim como a banda, era eclético, mas voltava-se mais para as bandas de pop rock nacionais, tais quais Legião Urbana, Engenheiros do Havai, Titãs, etc. Bandas essas que influenciavam o repertório da **La Gioventú**. Contudo, cabe destacar que, apesar da influência de bandas já consolidadas no cenário do rock nacional, a **La Gioventú** apresentava um repertório autoral, com músicas compostas pelos próprios integrantes da banda.

Com a chegada da nova década, 2000, a cena musical de Catu passou por mais uma renovação significativa, marcada pelo surgimento de uma nova leva de bandas que mantinham o nível de qualidade das gerações anteriores, mas traziam consigo propostas diferentes. Esses grupos imprimiram novos jeitos de fazer o mesmo rock, explorando sonoridades híbridas e temáticas contemporâneas. O cenário, antes já consolidado por nomes memoráveis, ganhava fôlego com essa oxigenação criativa.

Surgida nesse contexto, exatamente no ano de 2000, a **Assepsia** foi uma banda que teve como membros principais Sinho, guitarra e voz, Angelo, baixo e voz, e Jojó, bateria, com passagens rápidas de Peri, no baixo, e Ítalo, na guitarra. A banda trazia referências do grunge e composições autorais. A sua formação teve influência dos eventos que aconteciam na cidade e das pessoas que os frequentavam.

Nessa altura, Sinho já era conhecido na cena, pois já tocava guitarra e tinha participado de algumas formações de banda na cidade, a maioria delas não chegou a se apresentar e tocava covers. Sinho relata

que, nesse momento, surgiu a necessidade de criar uma banda em que pudesse explorar seu potencial artístico e criar um repertório que fosse essencialmente autoral. Nesse ínterim, Jojó, que também começou a frequentar o cenário e participar de ensaios de outras bandas, demonstrou não apenas interesse em tocar bateria, como grande habilidade para tal tarefa. Devido a interesses musicais em comum e a admiração pelo Nirvana, ambos iniciaram a **Assepsia**. Nesse mesmo período, Angelo, que estava voltando de Pojuca após alguns anos de estadia, local onde fazia parte da banda Dona Creuza, na qual atuava como vocalista, juntou-se ao grupo depois.

Na visão de Angelo, a banda funcionava não pelas referências em comum entre eles, que eram um tanto divergentes, mas, sobretudo, pelo interesse na criação autoral. De acordo com ele:

“Sinho queria que fosse um power trio tocando grunge, tocando Nirvana. E eu queria fazer uma banda de rock autoral, independentemente se fosse Nirvana ou qualquer outra coisa, apesar da minha referência ser Legião Urbana e a dele Nirvana. A gente entrou num consenso. Sinho falou: ‘Como você escreve bem e canta bem, a gente vai pegar algumas músicas suas, só que a gente vai acelerar o som, beleza? E você vai ter que escutar Nirvana, porque eu vou cantar Nirvana’, eu falei: ‘Beleza’.”

Angelo ainda relembra que as composições autorais foram acontecendo naturalmente, embora, inicialmente, tenham acontecido alguns entraves:

“E aí eu escrevi a música Jeanny e levei para eles. Logo de cara eles odiaram essa música: ‘Ah, ‘eu tenho amiga...’

[risos] acabaram dando risada. Só que eu consegui botar uma parada mais grunge, né? E aí acabou que Jojó disse: ‘ah, eu gostei’. Aí ficava um impasse: Jojó gostava, Sinho não, mas foi a primeira luta que eu ganhei.”

Ainda que com certos impasses, a **Assepsia** reuniu composições compartilhadas entre Sinho e Angelo, criando um repertório autêntico e extenso:

“Aí desse meio termo veio as músicas Marionetes, Qual o limite da sua razão, O mentiroso e umas outras que eu não vou lembrar os nomes. E a gente foi trabalhando... às vezes Sinho vinha com a parte da música, e eu completava com a outra parte. Outras vezes, eu vinha com a música, e ele completava com a outra parte. Então, no geral, as músicas a gente fazia em conjunto.”

As dificuldades para se apresentarem eram as mesmas que afligiam as outras bandas do cenário de Catu: faltavam lugares, recursos e apoio, mas, ainda assim, ao longo de 6 anos de atuação, a banda conseguiu se apresentar em diversos eventos, alguns deles na própria cidade, organizados pela banda **Infúria** e, mais tarde, pela própria **Assepsia**; outros, em cidades vizinhas, como Pojuca, Mata de São João, Dias D’Ávila e Salvador. Muitas situações marcaram a trajetória da banda, desde perrengues, até momentos hilários. Angelo relembra um momento icônico que ilustra bem a “bagunça organizada” da banda:

“Aí nesse show [Moto Passeio, em Mata de São João], Tatuí tinha marcado para a Kombi pegar a gente às 9 horas, no Pioneiro. A Kombi me pegou em casa, fomos pra casa de Sinho, e ele ainda estava dormindo... Acordei Sinho, a gente botou tudo no fundo da Kombi. O cara



disse: ‘falta o baterista’... Aí liga para Jojó nada, procura Jojó... E vai na casa de Jojó, vai na casa de um, de outro, e nada de Jojo, foi até na casa de Ramona, eles nem estavam mais namorando... Aí a gente parou assim...Já eram 11 horas da manhã, e o cara me olha: ‘Velho, eu tenho que descer e tal’. Aí eu: ‘Já sei. Sinho, Jojó não tá na igreja não?’, Aí a gente foi... Chegamos nos Mórmons e chamamos, mas o cara disse que estava tendo culto e que não iria chamar ele, não. Aí eu e Sinho olhamos assim... ‘e aí, vamos pular?’, a gente pulou o muro, velho. O cara ‘que isso, que isso? A gente vai ligar para a polícia!’. A gente pulou o portão, entrou na igreja, olhou assim, tá Jojó lá na frente. Ele já saiu com a mochilinha... Chegamos pra lá de meio-dia, o som, só fomos passar às 3 da tarde.”

A **Assepsia** teve seu fim no ano de 2008, quando os integrantes se afastaram devido a algumas questões pessoais. Embora a parceria de Angelo e Sinho tenha rendido, depois, pelo menos mais um projeto musical, cada um tomou o seu caminho, abrindo portas para outros projetos distintos.

Em concomitância ao projeto anterior, Sinho estava inserido em outro, denominado de **Notnames**, em que era guitarrista, vocalista e compositor. A **Notnames** teve sua origem no ano de 2009, quando Sinho, Samuel, baixo, e Hiro, bateria, se juntaram a fim de criar uma banda autoral que pudesse mesclar as referências musicais dos integrantes que iam desde o rock and roll mais clássico ao rock alternativo, passando também pelo punk. Esse som autêntico, mas também versátil, possibilitou que a banda se inserisse em diversos espaços, como afirma Sinho:



“A gente era uma das pouquíssimas bandas que tocavam com todo mundo, a gente tocava em som de hardcore, em som de metal, em som de indie, em som de rock and roll...”

O que começou sendo um trio, mais tarde se tornou um quarteto com a chegada de Caio assumindo a segunda guitarra. Com essa formação, a **Notnames** foi a primeira banda catuense a se apresentar no festival Palco do Rock<sup>4</sup>, icônico por se sustentar em pleno carnaval de Salvador desde 1994. A sua primeira apresentação no evento, que ocorreu no ano de 2014, aconteceu em decorrência de uma seleção via curadoria, na qual a performance da banda foi avaliada e aprovada por unanimidade. Nesse mesmo ano, em uma premiação realizada pela produção do Palco do Rock, a banda ocupou o 3º lugar na categoria de banda revelação. No ano seguinte, após a saída de Caio, e entrada de Chuck, que passou a assumir a segunda guitarra, a **Notnames** voltou a se apresentar no festival, dessa vez como banda convidada. Hiro pontua que essas apresentações foram importantes em diversos aspectos:

“Na questão artística da banda, visibilidade, network, experiência de palco, conexão com o público. Também nos mostrou o nosso potencial diante de um grande evento com bandas de relevância nacional, bandas locais conhecidas. Isso nos trouxe uma enorme experiência como banda e como pessoa também. Além disso, nosso entusiasmo se elevou! Criamos mais projetos, músicas, investimos nos nossos instrumentos... Mais procuras para ouvir nossas músicas, mais convites para eventos, também

---

<sup>4</sup> O Palco do Rock é um festival que acontece anualmente durante o carnaval de Salvador. O evento foi idealizado e é, até hoje, liderado por Sandra de Cássia, uma catuense.

a oportunidade de conhecer pessoas no meio musical que contribuíram muito para o nosso desenvolvimento. Enfim, foi muito legal que nos aconteceu após o Palco do Rock.”

Ao longo da sua carreira, a banda lançou três EPs com músicas inéditas: **Notnames**, 2010, *Tão simples*, 2012, e *Entre amores e revoltas*, 2015. As canções abordavam temas do cotidiano, inicialmente, de forma direta e simples e, depois, de uma forma mais elaborada, Sinho destaca que seu processo criativo se concentrava naquilo que acontecia ao seu redor:

“O processo de composição era natural, vinha do que estamos vivendo ali no momento, tirando Duelo<sup>5</sup>, que já foi mais premeditado pra ser dessa forma, mas as demais eram mesmo as coisas que iam acontecendo. Depois a gente foi amadurecendo, não era mais aquela coisa de moleque de ficar falando de cachaça, curtidão...”

No decorrer dessa trajetória, a banda reuniu diversos admiradores, dividiu palco com bandas de grande relevância no cenário do rock nacional, tal como *Vivendo do Ócio* e *Cascadura*, e recebeu o prêmio de melhor banda no Festival Catu Tem Talento, realizado pela prefeitura de Catu no ano de 2015. Em 2018, a **Notnames** anunciou o fim das atividades.

Em período similar, em 2010, Angelo, juntamente, com Man, na guitarra, e David na bateria, formou a **Doutor Haníbal**, uma banda

---

<sup>5</sup> Duelo faz parte do repertório de um breve projeto anterior de Sinho denominado de Doctor Canas, nesse projeto, as canções tinham características mais escrachadas e costumavam tratar de temas relacionados à curtidão.

de Pop rock, com músicas autorais, que alcançou um público diverso. Apesar da banda ter feito parte da grade de diversos eventos locais e em cidades circunvizinhas, a banda encerrou suas atividades após a saída do guitarrista. Atualmente, Angelo lidera a banda **Últimos de Nós**, criada oficialmente em 2019, cujos membros atuais, além de Angelo na guitarra e voz, são: Edner, na guitarra, Geison, no baixo, Geivson, na bateria; tendo passado pela banda, Miguel, na guitarra e teclado, e Josué, no baixo.

A primeira apresentação da banda aconteceu na 1ª edição do Festival de Música de Catu – MusiCatu - uma iniciativa da prefeitura de Catu para premiar os talentos locais, em que, no contexto, recebeu o prêmio de melhor arranjo pela música Olhos de ressaca. Esse foi o primeiro momento em que a banda se apresentou com o nome que tem, o qual surgiu no ato da gravação da sua primeira canção. Angelo explica que o nome teve como referência o jogo The Last Of Us, no qual ele estava fissurado, mais tarde, quando a formação se estabeleceu, o nome serviu também como uma metáfora ao fato de que na cena rock da cidade, apenas eles “sobraram”:

“a banda Máquina Voltempo e a Convés, que era a banda de Catarine, já tinham acabado, Fora do Mapa também. Então Geivson e Geison estavam parados sem ter o que fazer, por exemplo. [...] De certa forma, eu peguei os músicos esquecidos da cidade, todos os músicos que estão na Último de Nós, se você for fazer um levantamento artístico, ninguém vai elogiar, tipo, Geivson como baterista era considerado um baterista juvenil... Os



meninos tinham potencial, só que a velha guarda não chegava, eles não conseguiram construir um nome.”

A banda se originou a partir do interesse de Angelo em manter acesa a chama do rock na cidade através de músicas autorais, mas também de versões de músicas conhecidas no contexto do pop rock brasileiro. Essa fórmula fez com que a banda se tornasse frequente nos eventos da cidade, tocando até mesmo em festas menos convencionais para o rock, como a Festa de Reis, a Micareta e o São João da cidade, atraindo, assim, um público diverso. Além dos palcos - e trio elétrico, repetindo o feito da **Meninos do Brasil** -, de Catu, a banda também se apresenta intensamente nas cidades vizinhas, bem como, no ano de 2023, fez a sua primeira seleção para apresentação no festival Palco do rock, sendo a segunda banda a representar a cena rock de Catu em um evento tão importante para o rock baiano.

Atualmente, a banda é uma das duas únicas de rock ativas na cidade, sendo a que mais se apresenta. A banda tem em seu portfólio três singles gravados em estúdio, três videoclipes e uma agenda cheia. Para Angelo, a **Últimos de Nós** representa a sua maturidade enquanto artista:

“A Último de Nós é o projeto mais maduro que eu já tive até hoje. Se você me perguntar: ‘Ah, e a Doutor Haníbal?’ A Doutor Haníbal foi um projeto mais rocker que eu tive. Cara, a gente tinha uma dinâmica, espiritualidade de som... A gente não olhava um para o outro, não, era muito sistemático. A gente precisava de poucos ensaios para estar afiado. Então, a gente já tinha uma identidade. A Último de Nós ainda não tem uma identidade definida.

Você fala: ‘O que é que toca a Último de Nós?’ Eu falo: ‘A gente toca pop rock’. Eu não coloco como alternativo, apesar de ter muito do alternativo, mas a gente se coloca como uma de pop rock, porque hoje a gente é uma empresa. A gente não é só uma banda, é uma empresa. A gente já tem registro de marca e patente, a gente tem estrutura. Então, não é uma banda alternativa.”

Sinho, por sua vez, após o fim da **Notnames**, passou a liderar a banda **Alumã**, formada em 2018, e composta por ele, na guitarra e voz, Cadinho, no baixo, e Ester, na bateria. Vale aqui fazer um adendo importante, Ster marca a presença solitária das mulheres nesse cenário, sendo a única a integrar esse espaço<sup>6</sup>. A banda, que é produzida por Martin Mendonça (atual guitarrista de Pitty), também teve uma participação no Festival Palco do Rock como banda convidada no ano de 2023. Além disso, conta com um EP gravado em estúdio, de nome Ouro Negro, produzido pelo selo Praia dos Artistas, dois videoclipes e muitos planos para o futuro. Recentemente, o jornal eletrônico Bahia Rock, classificou o som da banda como identitário e ancestral: “*Assim, para cada integrante da banda, Alumã é nordeste brasileiro, Alumã é Bahia, Alumã é resistência, Alumã é cura. A associação com o significado do rock para a cultura foi inevitável: Alumã, portanto, é rock.*”. Assim, juntamente com a **Últimos de Nós**, compõe o quadro de bandas atuantes que levam consigo o nome da cidade.

---

<sup>6</sup> Aqui cabe uma nota: poucas mulheres fizeram parte do cenário compondo bandas, destaco as que, ainda que por pouco tempo, atuaram nesse espaço: Erika, voz, Thamires, baixo, Juliana, bateria, e Paloma, na guitarra, que juntas formaram a Endométrios Rompidos, com apenas uma apresentação no catálogo; e Catarine, vocalista e guitarrista da banda Convés, que teve um portfólio com ao menos duas apresentações, mas com destaque do prêmio da Oficina Palco do Rock.

Ainda no início dos anos 2000, outra banda ocupava a cena da cidade, a **Acerto**, uma banda de hardcore formada, inicialmente, por Joadson, na voz, Job, no baixo, Man, na guitarra e Rafa, na bateria, o qual, posteriormente, assumiu a guitarra e foi substituído por Kitito. Nessa formação, a banda construiu um repertório autoral com fortes influências do rock nacional e internacional. Embora a banda tenha encontrado um cenário robusto tanto na cidade de Catu quanto nas cidades vizinhas, onde realizaram diversas apresentações, o contexto nem sempre era harmonioso. Man relata que em algumas ocasiões os shows eram marcados por confusões, uma vez que naquela época era comum o conflito intermunicipal:

“Teve uma vez que fomos tocar e no meio do evento chegou uma galera na entrada da festa, não sei se era no Centro Cultural, não lembro, mas chegou uma galera na frente do evento e falou que os caras de Catu se saíssem dali, eles iriam quebrar tudo na porrada, e a gente ficou lá dentro. A gente não sabia quantas pessoas tinham lá fora, e a banda era quatro pessoas. E aí, a gente acabou o evento, não finalizou o evento como tinha que finalizar, por causa da confusão, resolveram parar mais cedo, a gente ficou trancado lá dentro. Teve uma outra confusão que foi em um evento, eu acho que o lugar se chamava Espaço Mil, em Pojuca também. Aí a gente tocando com a banda, quando souberam que era a banda de Catu, foi uma confusão, tipo, teve briga mesmo, mas só que foi lá embaixo na hora a gente estava se preparando para tocar. Numa outra, foi numa festa de rua mesmo, que fizeram a inteligência de misturar banda de pagode, com banda de rock, e tal, e aí o pau torou. Quando botou banda de rock, a galera começou a dançar, o pessoal que não sabia o estilo

da dança achou que era porrada, aí foi porrada para tudo que foi lado. Quando souberam que a banda era de Catu, a porradaria ganhou mais um plus.”

Apesar das turbulências, a trajetória da banda foi marcada mais pelas amizades que faziam do que pelos episódios infelizes, fazendo com que ela seguisse difundindo seu som. Se, por um lado, a mistura de elementos de várias vertentes do rock fosse uma característica peculiar da banda, que atraía um público mais jovem, por outro, apontava para uma direção incerta, no sentido do seu estilo musical. Para Man, esse atributo foi decisivo para a sua saída da banda:

“o rock estava muito forte no Brasil nesse período, com Charlie Brown Jr, Pitty, CPM 22 e várias outras bandas surgindo assim. Tinha muito estilo chegando no Brasil e lá fora, com o System, Korn e várias outras bandas, e a banda, para mim, começou a se perder. Ela queria um momento ir para o som do Charlie Brown, depois para o som do CPM 22, e aí veio surgindo emo, aí os caras começou a botar um pouco mais de melodia assim, aí eu já não gosto, não sou muito fã do estilo, não gosto da sonoridade, e aí saí da banda.”

Ao longo da carreira, a **Acerto** se estruturou, amadureceu e chegou a realizar algumas gravações, uma delas enquanto Man ainda estava na banda, outra posterior a sua saída. Após o guitarrista deixar a banda, ela seguiu por mais alguns anos até se desfazer.

Nesse período, ainda enquanto atuava na **Acerto**, Man fazia parte de outras bandas, como a **Seu Raimundo**, cover dos Raimundos, e a **Um par**, cover de Los Hermanos, que movimentavam não apenas a



cena rock da cidade, como também a cena do reggae, a exemplo da Chá da Lua. Nos idos de 2011, ele criou a **Humana Chaos**, assumindo a guitarra e a liderança da única banda de death/trash metal de Catu, ou, como Man descreve humoristicamente: “banda brutal, profana, do capiroto”. No baixo da banda estava Regi, que, após encerramento da **Infúria**, participou de vários outros projetos, mas estava interessado em algo mais autoral. Rodrigo e Léo, voz e bateria, respectivamente, entraram depois, fechando a formação da banda.

Até o seu fim, a banda compôs cerca de 12 músicas autorais, embora não as tenha gravado. A **Humana Chaos** era conhecida pela qualidade das suas execuções, isso, provavelmente, se deve ao tato rigoroso que Man tinha em relação aos processos da banda:

“[...] como eu já tinha passado por várias outras bandas, já tinha tido confusões com postura de banda, decisões erradas, de você ver que o negócio não vai funcionar e o cara bater o pé, fazer e não funcionar, aí você fala: ‘Tá vendo que eu disse que não funcionava?’. Então, na **Humana Chaos**, eu fui bem rigoroso. Cara, a banda é essa aqui. São quatro pessoas, eu, mais três integrantes. Se os três falarem uma coisa, eu falar a outra, vai ser o que eu falei. Não vai ter conversa. Quer entrar na banda, a regra é essa. Se não quiser, qualquer coisa que você achar que é besteira, é melhor nem entrar, porque lá na frente essa besteira fica coisa grande. Aí, todo mundo aceitou, mas [depois] não foi o que aconteceu.”

Em 2015, a banda encerrou as suas atividades, inicialmente, por conflitos que estavam ocorrendo entre o vocalista e os músicos de bandas de cenas vizinhas, o que limitou os lugares em que a **Humana**

**Chaos** poderia se apresentar, além disso, nesse período, Regi iniciou o tratamento de um câncer, que o deixou impossibilitado de manter sua função.

Provando a ebulição que foram os anos 2000, a cena rock de Catu foi prestigiada com um som completamente autêntico e diferente do que até então se produzia, a banda **Oposição Psicodélica** trazia para o cenário a psicodelia no seu mais puro conceito. Fundada por Blau, guitarra, violão e voz, a banda teve entre seus integrantes Lucas da Glória, baixo, e Padeiro, bateria, inicialmente, e, posteriormente Danilo, bateria, e Perivaldo, baixo, e Kauê, baixo. A proposta artística do grupo foi fortemente influenciada pelos efeitos sensoriais associados ao uso da cannabis e outros alucinógenos, o que se refletia na estética sonora experimental adotada desde os primeiros registros. A princípio, a banda contava com recursos limitados, de acordo com Blau:

“No começo, eu tinha esse violão aqui antigo, desde que eu tinha 13 anos, então comecei com ele, Lucas tinha outro violão desse, só que ele é esquerdo, ele mudou as cordas para ficar esquerdo, fazia baixo no violão, e Padeiro não tinha bateria, aí ele fazia o som em cima do papel de caderno. A gente tinha o computador no qual a gente podia gravar essas músicas. E a gente gravava assim, bem rústico, bem a “cunhão” mesmo, sem instrumento, sem guitarra, sem baixo, sem bateria. Mas pouco a pouco a gente foi conseguindo bem rápido, a gente foi conseguindo esses instrumentos.”

As principais influências sonoras da **Oposição Psicodélica** eram as bandas Pink Floyd, The Doors e Iron Butterfly. Blau relembra que

naquele contexto, diferentemente dos dias de hoje em que a informação está na palma das nossas mãos 24h por dia, havia uma certa dificuldade em encontrar referências musicais, uma vez que os CDs – mídias físicas – eram os principais meios de ouvir uma música, ele cita Enio<sup>7</sup> como sendo a fonte para que essas músicas chegassem até os integrantes da banda:

“a gente ficava lá, conhecia várias bandas e isso encheu a minha cabeça de repertório para que se formasse a **Oposição Psicodélica** com total exclusividade: com influências externas, mas nada semelhante, era extremamente único, estava além do padrão da psicodelia e do rock.”

O conceito estético da **Oposição Psicodélica** pautava-se na entrega total à liberdade criativa e isso era evidente, pois, sendo uma banda 100% autoral, todas as composições traziam em si essa essência singular. Nesse contexto, nota-se como a experiência musical perpassava pelas vivências internas e externas dos integrantes, manifestando-se em composições marcadas por atmosferas líricas e, também, caóticas. Blau explica esse fazer criativo:

“as músicas eram voltadas para a desordem, para o poema, para a elevação vibracional, para a crise existencial da morte, para a confusão mental e delírios e viagens... e pouco a pouco a gente pegou esse projeto, que a gente

---

<sup>7</sup> Quando se trata de arquivo musical, Enio é frequentemente citado pela galera do rock, uma vez que ele possui uma extensa coleção de CDs que passeia por diversos gêneros do rock, sendo também responsável por apresentar as novidades musicais para muitas pessoas.

ficava gravando ali só na lombra da cannabis, e começou a formar as primeiras músicas.”

Dentre os espaços que a banda já se apresentou, podem ser mencionados o antigo Colégio Agrícola (atual IFBaiano), a Casa da Cultura, o salão da sede da Maçonaria, além de cidades como Pojuca e Alagoinhas. A banda se encerrou após o afastamento dos integrantes por razões diversas, Blau afirma, no entanto, que a **Oposição Psicodélica** se findou enquanto banda, porém a áurea psicodélica se manteve através dos caminhos posteriores trilhados por cada um deles.

Seguindo os rastros dos anos 2000, particularmente em 2001, movido pela cultura do skate, Hippie decide montar uma banda de punk rock que pudesse expressar as ideias que tinha desenvolvido durante uma estadia em Salvador. Nesse contexto, ele, juntamente com Man, Blau e Joadson, formam a **Aleluia, Amém**. A banda, que tinha a **Infúria** como uma grande referência, esteve ativa por um ano e seu encerramento se deu, sobretudo, devido às divergências musicais de seus integrantes, possibilitando que cada um deles buscasse a vertente que mais lhes agradassem.

Enquanto Blau foi para a psicodelia e Man para o death metal, Hippie seguiu no interesse em fazer punk. Em 2002, Hippie se junta a Kitito e formam a **Cabecita**, uma banda punk autoral. Nessa primeira fase, quem assume os vocais é Rogério Metal, que leva muito das suas influências para a banda, fazendo com que o estilo da **Cabecita** se mescle com o Pop Rock. Nesse momento, as composições eram de Rogério e versavam basicamente sobre suas desilusões amorosas, a já

menção da canção “Suzy” foi composta nesse contexto. A segunda fase da banda é marcada pela saída de Rogério, e a entrada de Marcel e, após, Job. Essa fase é marcada por uma sonoridade mais punk rock, além disso, as composições passam a ser coletivas, retratando assuntos do cotidiano, questões políticas e sociais.

Hippie relembra que naquele período o cenário de Catu, no que se refere a eventos, era mais consolidado, porém ainda era marcado por muitas dificuldades. Essas dificuldades também se estendiam aos ensaios, uma vez que faltavam recursos técnicos e estruturais para as bandas, em suas palavras:

[...] já tinha uma galera mais frequente nos eventos, a gente já tinha mais acesso a algumas informações, a gente já tinha mais acesso a alguns sons, não era muita coisa também, mas já tinha um acesso melhor. E assim, não era um cenário grande, porém era um cenário que tinha uma galera constante. Era uma galera que já estava no rock and roll já há um certo tempo. A banda **Infúria** sempre como uma banda mais forte na cidade, era uma banda que já tinha uma melhor estrutura, a galera já tocava muito bem, já tinha música, já tinha um pensamento de tá fazendo gravações para registrar o som que eles produziam. Mas assim, ao mesmo tempo, diante da época ainda muito precário, a gente não tinha espaço para ensaios, a gente não tinha material, então a galera pedia muito material emprestado de um para o outro para tentar fazer esse som. Meu pai como baterista, quando estava presente, sempre fornecia material de bateria para o pessoal ensaiar. Eu lembro que nessa época daí tinha um pessoal que tinha a banda a **La Gioventú**, então, a galera conseguiu montar um equipamentozinho de ensaio legal e boa parte das

bandas passavam a ensaiar lá nesse espaço de Leu, que era na casa dele.

A banda encerra suas atividades após 3 anos em decorrência da falta de consenso entre os integrantes no que se referia à participação em eventos, enquanto para Hippiie a banda estava pronta para seguir as apresentações, alguns integrantes relatavam insegurança em relação à isso. A gota d'água, recorda Hippiie, foi quando em determinada ocasião ele decide organizar um evento na cidade, mas os integrantes da banda resolvem não tocar:

E em um determinado momento eu organizei uma festa na Casa da Cultura, convidei umas bandas de fora, de Alagoinhas, de Pojuca. E daqui da cidade iria tocar a banda **Cabecita** e a banda **Infúria**. Aí o colega decide não tocar. Nessa época a Joadson estava tocando baixo na banda também, decide não tocar e viaja. E aí o evento acontece, mas a gente não toca. A partir desse momento eu decidi parar, com a banda como **Cabecita**, porque já não fazia mais sentido para mim estar correndo atrás, ensaiando, querendo divulgar o som, querendo tocar e em um evento que eu mesmo estava produzindo, eu não conseguia que a banda tocasse.

Com a **Cabecita** encerrada, Hippiie se envolve em outro projeto, a **Estocolmo HC**, com Betinho na bateria, Rafael (Beré) no vocal e com alternância de baixista. A banda se apresentava como hardcore, com músicas autorais focadas nas questões políticas, sociais e ambientais. Embora fizesse shows em diversas cidades vizinhas, questões relacionadas ao trabalho de cada um fizeram com que a frequência dos



ensaios e a possibilidade de estar nos eventos fossem reduzidas, depois de cerca de 5 anos, a banda se dissipou.

Ainda no contexto entre as décadas de 2000 e 2010, Catu também foi palco para a profusão do emocore, representado por bandas como **Annie and Joyce**, liderada por Eder. A formação contava ainda com Ítalo, Júnior e Eduardo, compondo uma sonoridade marcada por intensidade e sentimento. Embora eu não tenha conseguido contato com os integrantes — e, por isso, seus relatos não constem neste livro — considero importante registrar a passagem da banda pela cena local. Sua presença ajuda a evidenciar a diversidade de estilos que floresceu na cidade, revelando como diferentes vertentes do rock encontraram espaço e expressão naquele momento.





Nos últimos anos, a cena do rock em Catu tem enfrentado um processo de retração perceptível, com a diminuição significativa dos eventos que antes movimentavam a cidade e fortaleciam os laços entre artistas e público. A ausência de eventos e encontros regulares levanta questionamentos sobre a vitalidade atual do movimento, fazendo com que muitos se perguntem se ainda há uma cena viva ou apenas vestígios de um passado efervescente. Menciono como exceção, a Confraternização anual dos roqueiros, organizada por Sérgio, juntamente com Luzia e Samuel, que acontece com certa regularidade há aproximadamente 4 anos, mas que não segue os moldes dos eventos clássicos de rock, o objetivo, como o nome propõe, é reunir os amigos que, em decorrência da rotina, não costumam se encontrar com tanta frequência.

Apesar do cenário esvaziado, há bandas que seguem atuantes, como a **Alumã** e a **Últimos de Nós**, sendo esta última a que mais se apresenta em eventos de cidades vizinhas e, até mesmo, em eventos locais que não são exclusivamente de rock. Tal contexto possibilita diversas reflexões, sobre como podemos definir o conceito de uma cena. De todo modo, é fato que uma cena se constrói a partir de uma rede viva de relações, trocas e manifestações que envolvem músicos, público, espaços, eventos, produtores e até mesmo a memória coletiva de uma comunidade. Embora ter uma banda expressivamente atuante seja, sem dúvida, um elemento muito importante, alguns se antecipam ao dizer que não há uma cena de rock viva e ativa em Catu dos dias de hoje. Sobre esse aspecto, Sinho afirma:

“[...] a cena não existe mais. Para existir, tem que existir um certo fomento. E esse fomento você tem que dar liberdade pra cultura do jeito que ela é, culturalmente falando. Porque uma coisa é você achar que tá fazendo uma parada massa, mas não tem princípio, não tem alma. E o que o que é que acontece? Não tem como você criar uma cena. Porque na medida que você tem que fazer algo para se adaptar, esqueça. Já não é rock. Então para essa cena voltar, teria que ter investimentos, em festivais, fazendo intercâmbio com bandas fodas de verdade, bandas de rock. Tem uma galera aí que tá no independente botando pra fuder. Botar junto com a banda daqui, tá ligado? Para poder já mostrar o que é uma cena de verdade.”

A crítica posta por Sinho revela a urgência de investimentos estruturais, que permitam o renascimento de uma cena local, além disso, aponta a necessidade de um fomento que respeite a identidade cultural local, sem exigir adaptações que descaracterizem o gênero, ao mesmo tempo que busca valorizar os movimentos independentes. Essa visão é reforçada pela fala de Blau, que se abriu a novas experiências sonoras e hoje expressa uma mudança de expectativa: já não espera o retorno do rock, mas sim a articulação de músicos talentosos em torno de algo novo e significativo.

Hoje em dia, eu não tenho uma expectativa de rock em Catu. O que eu espero hoje é que músicos bons surjam, como tem, músicos maravilhosos aqui, mas que não se juntam, não se aglomeram para formar uma coisa nova. O que eu sempre espero no cenário é algo novo, mas com qualidade. Não algo novo, mas desse “novo”. Eu espero sempre algo exclusivo, único, como era a proposta da

**Oposição Psicodélica**, trazer uma coisa única, exclusiva. Então, hoje em dia, em termos de rock, eu não tenho expectativa nenhuma, sobre o rock, mas sim sobre a música. A música, ela tem que ser agradável, independentemente se tem a distorção ou não, se ela é psicodélica ou não, se ela é agressiva ou não, ela tem que ser boa.

Angelo, por sua vez, reconhece que há uma transformação no cenário atual da cidade, e que ela não necessariamente aponta para o fim, mas para a possibilidade de construção. O seu olhar é voltado, principalmente, para a potência da juventude, que é quem pode renovar, reinventar e dar continuidade ao movimento:

“[...] eu acho que hoje em Catu está se formando um novo movimento... Tem o coletivo Under House, que eu acho legal porque está resgatando algumas pessoas das antigas e tal, mas eu ainda acho que falta o jovem catuense, ainda falta um pouco ele enxergar o que é o alternativo na cidade. Hoje, pela experiência da **Últimos de Nós**, a gente vê mais um público mais velho, mas ainda há um público jovem. Só que eu vejo que ele não tem mais opção. Por exemplo, o público jovem não se reúne mais nas praças para estarem juntos. Hoje a gente tem uma enorme oportunidade, pois temos um diretor de cultura [Keu Guerra] do movimento alternativo. Ele deu seguimento ao Palco Alternativo, que é o segundo palco no São João. Ele conseguiu colocar rap, rock, música eletrônica e abriu um leque. Só que foi uma ação que acabou sendo sufocada pelo sistema, porque o sistema não tem interesse nisso. [...] Como nós somos a única banda ativa na cidade, a gente conseguiu tocar na Festa de Reis, no São João, por dois anos seguidos, este é o

terceiro ano... conseguimos tocar na Micareta, em um trio... tocando rock, uma banda de rock. Mas isso ainda não fomentou na cidade novas bandas. Eu acho que a gente que ainda está na ativa tem que procurar uma forma de movimentar novos conceitos culturais dentro da cidade.”

A perspectiva de Angelo mira o alcance daquilo que ainda pode ser feito, a sua fala se impõe como um chamado de incentivo para o fomento da cena rock da cidade. Embora esse pensamento possa se remeter a uma leitura esperançosa do futuro, nem todos vislumbram -o com o mesmo entusiasmo e otimismo, Sérgio, por exemplo, ao ser questionado sobre como ele enxerga a cena nos dias de hoje e qual a sua expectativa para o futuro, foi bem enfático:

“Nesse ponto sou meio niilista, não vejo uma cena atual, vejo lapsos e saudosismos de cena. O que faz vez por outra acontecer alguma coisa. Para o futuro, eu acredito que o rock como conhecemos não dura mais que 10 ou 20 anos, outras coisas virão. Rock em Catu, muito menos. Não vejo nada que lembre uma cena em Catu e nem vejo algo surgindo que mude isso. Mas faz parte, novos tempos e a vida segue seu curso.”

Essa fala expressa uma visão marcada pela criticidade sobre os ciclos culturais. Ao se declarar “meio niilista”, Sérgio não apenas questiona a existência de uma cena atual, como também aponta para uma transição que ele julga inevitável no contexto do rock. O tom não é de indiferença: há uma consciência de que o tempo transforma, substitui e, às vezes, apaga. Reconhecer a ausência de uma cena não é



negar o passado, mas aceitar que o presente exige novas formas, novos sons e novos movimentos. É uma leitura que pode ser dura, porém honesta, que interpreto como um convite à reflexão sobre o que ainda pode ser feito no contexto do rock catuense.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O título desta seção faz referência ao evento de despedida da banda Infúria, com data marcada para dezembro deste ano, 2025.

# PARTE IV

MEMÓRIAS

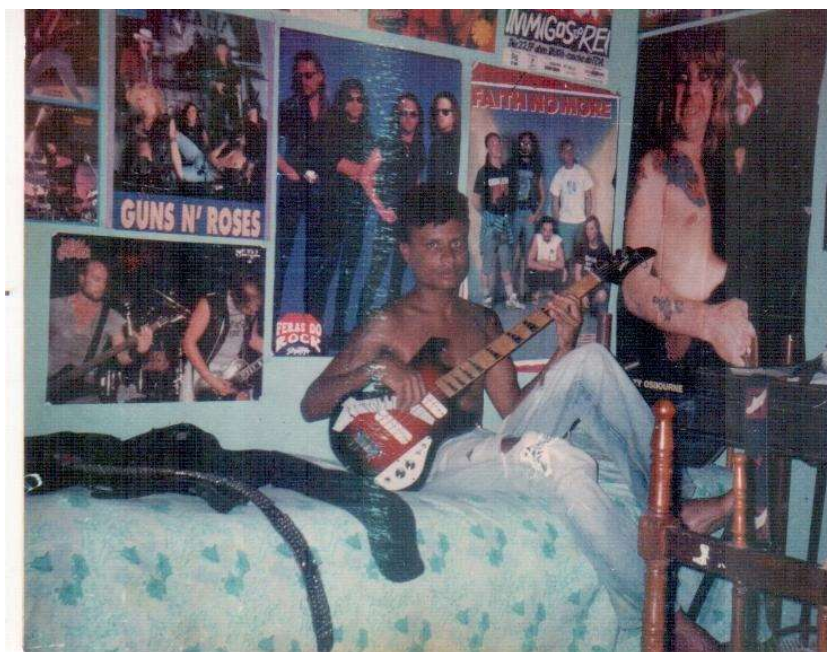


















































































MINISTÉRIO DA  
CULTURA

